



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

VICTOR HUGO SANTANA DE SOUZA

EU NÃO QUERO ACORDAR
VÍDEO-ENSAIO DE TEMÁTICA GAY

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins

Brasília – DF
Dezembro de 2017

RESUMO

Este trabalho discute a elaboração de um vídeo-ensaio de temática gay veiculada no YouTube. A finalidade da criação é levantar questões comuns às vivências de homossexuais e relacionar com quaisquer produtos audiovisuais que abordam os temas. Como fundamentação teórica e metodologia são tratadas algumas concepções sobre filme-ensaio e discurso digital. O vídeo intitulado *Eu Não Quero Acordar* tem imagens de dezoito longas-metragens de romance e expõe a ideia de solidão gay.

Palavras-chave: YouTube, Audiovisual, Filme-Ensaio, Solidão Gay, Heteronormatividade

VICTOR HUGO SANTANA DE SOUZA

EU NÃO QUERO ACORDAR
VÍDEO-ENSAIO DE TEMÁTICA GAY

**Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.
Orientador: Prof. Dr. Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins**

Brasília - DF

Dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. PABLO GONÇALO PIRES DE CAMPOS MARTINS
ORIENTADOR

PROF. DRA. DÁCIA IBIAPINA DA SILVA
EXAMINADORA

PROF. DR. MIKE PEIXOTO
EXAMINADOR

PROF. ME. ELTON BRUNO PINHEIRO
SUPLENTE

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	5
2 PROBLEMA DA PESQUISA	7
3 JUSTIFICATIVA	8
4 OBJETIVOS	
4.1 Geral	9
4.2 Específicos	9
5 REFERENCIAL TEÓRICO	
5.1 Heteronormatividade	10
5.2 <i>Um homem que dorme</i>	11
5.3 Ensaísmo no audiovisual	12
5.4 YouTube	14
6 METODOLOGIA	
6.1 Pesquisa	16
6.2 <i>A retórica do remix</i>	18
6.3 Solidão gay	19
6.4 Produção	20
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
8 REFERÊNCIAS	
8.1 Bibliografia	25
8.2 Filmes citados	26
9 APÊNDICE: ROTEIRO	28

1 APRESENTAÇÃO

Os indivíduos ainda estão sujeitos a reafirmar a heterossexualidade constantemente. Dessa forma, os que procuram evidenciar uma identidade homossexual podem reviver processos dolorosos, mesmo depois da “saída do armário”. Refletindo sobre estas questões, surge a ideia de uma solidão gay contemporânea, ou seja, uma continuidade no isolamento dos homossexuais, muitas vezes decorrente de ansiedade e depressão. A homossexualidade por vezes não é vista como algo importante pelo gay, no que diz respeito a entender, desde cedo, qualquer agressão ou crítica ao seu comportamento como normal ou coisa a se levar em consideração. Muitas vezes, ele repete esse processo. Assim sendo, o propósito do trabalho é expor os entraves que favorecem a manutenção da solidão gay, especialmente, com a cotidiana inserção de temas caros aos homossexuais no coletivo.

Em razão de inúmeros fatores, a noção de homossexualidade é recente na história e construída social e culturalmente. Logo, as imagens e situações retratadas no cinema ajudam a produzir significados diversos sobre o homossexual. Por certo, todo espectador que se identifica com este desejo ou identidade é mais afetado por representações da homossexualidade, mas o Audiovisual acolhe narrativas e personagens arranjados de forma complexa tal qual a vida real, este é um dos seus aspectos mais envolventes. Sendo assim, pode-se destacar algo não apenas para os indivíduos retratados, mas a todos que se dedicarem a acompanhar. No cinema, a questão já esteve encoberta e relegada aos estereótipos e, para trazer à luz esse debate mais recente para a sociedade, muitos documentários fizeram montagens usando imagens de filmes diferentes. Hoje, o cinema gay encontra um espaço maior de divulgação, os filmes se multiplicaram e podem ser encontrados facilmente na rede.

No YouTube, os vídeos-ensaios, também materiais de divulgação, têm um público considerável, especialmente os que se voltam a analisar séries e filmes muito conhecidos. Em geral, eles têm espectadores e pessoas que acompanham de forma engajada. Regularmente, quem produz esse tipo de vídeo está empenhado em discutir as obras explicando os conteúdos. Os vídeos-ensaios de filmes e demais produtos audiovisuais no YouTube são obras com um fluxo de pensamento que propõem debates específicos. Resumem-se aos textos dos produtos, textos de um autor sobre assuntos dos produtos em áudio e um corpo de imagens das produções. Também pode conter gravações originais e imagens para comparação, ou outras imagens que dialogam com os textos principais. Com o aumento e liberdade de canais

no YouTube, a plataforma, que é acompanhada por usuários mais imediatistas que o público da televisão, tem hoje um acúmulo de conteúdo audiovisual enorme, feito muitas vezes de forma intuitiva e rápida.

Diante da percepção contemporânea da temática gay e liberdade do YouTube para criação de conteúdo, proponho com essa pesquisa, a produção de um vídeo de menor tradição entre os vídeos-ensaios, o vídeo com narrador concebido por um roteirista. O roteiro deve abordar questões próprias do personagem criado e relacionadas à homossexualidade masculina, vistas de forma mais ou menos frequente nas obras que vão compor o vídeo. No vídeo intitulado *Eu Não Quero Acordar*, o narrador expõe a ideia de solidão gay por meio de reflexões particulares e com a ajuda de imagens de dezoito filmes independentes de romance produzidos e veiculados entre 2000 e 2014¹, com destaque para os longas-metragens *Presque rien* (2000), dirigido por Sébastien Lifshitz e *Westerland* (2013), dirigido por Tim Staffel. As referências para o roteiro são: o livro *Um homem que dorme* (1967), escrito por Georges Perec, o filme homônimo de 1974, baseado no livro e dirigido por Bernard Queysanne, e os filmes *Fear itself* (2015) e *Beyond Clueless* (2014), ambos de Charlie Lyne.

¹Ver relação de filmes na “Tabela 01 - Filmes do vídeo-piloto: Dezoito romances gays” (página 17), com informações de ano, país de produção e nome de diretores.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

Os avanços sociais para os homossexuais são parte importante na discussão da solidão gay contemporânea, objeto do vídeo inaugural. O reconhecimento abrangente dos homossexuais na sociedade é quase uma realidade com o casamento gay, legalizado no Brasil em 2013. Já a adoção por pessoas do mesmo sexo é legal desde 2010. Apesar disso, o país é conhecido como um dos mais homofóbicos do mundo, e o que mais agride e mata homossexuais. Problemas como a conservação da taxa de suicídio entre gays não se encontram somente aqui, mas em várias partes do mundo, incluindo os países com histórico reconhecimento da homossexualidade. Dentro do Audiovisual, a visibilidade dos homossexuais e do movimento gay nos anos 2000 provocou um aumento enorme na produção de filmes e outras produções com temática gay. Em 2017, o filme com protagonista negro *Moonlight* foi premiado com o *Oscar* de Melhor Filme, aliando a temática às questões de raça e classe social.

O filme-ensaio ou ensaio audiovisual é uma aposta de linguagem e experiência estética que rendeu ao cinema brasileiro um prêmio em Cannes² no ano de 2016 com o filme *Cinema Novo*, do brasileiro Eryk Rocha, formado por depoimentos em áudio dos cinemanovistas e imagens dos filmes do movimento que dá nome à obra. O formato não se encaixa nos limites comuns da ficção e documentário, e está aí um dos seus maiores diferenciais. Ele explora a subjetividade no Audiovisual e mostra uma percepção pessoal do roteirista, que deve imergir como autor e indivíduo em tópicos que ele vai explorar de forma subjetiva, ainda que obrigatoriamente deva exprimir pensamentos e considerações, contestar e expor ideias sobre um objeto, e não esgotar assuntos.

Como o ensaio é uma reflexão pessoal e isolada, se revela uma escolha adequada à composição apresentada. Novas interpretações estilísticas podem surgir de diferentes montagens filmicas e é mais íntimo exprimir pensamentos a partir de uma organização própria de imagens e som, ainda que, a princípio, não utilize material filmado pessoal. A atenção para roteiro, som e edição, três áreas essenciais do Audiovisual, pode ser a mesma de uma produção filmada de ficção ou documentário.

²Prêmio L'Oeil D'Or (Olho de Ouro), de melhor documentário do festival.

3 JUSTIFICATIVA

Do ponto de vista sociocultural, o ensaio audiovisual nos moldes desta produção pode estimular o espectador à crítica e participação, deixá-lo menos passivo porque se apresenta de forma dialógica, expondo obras diversificadas e independentes de forma simples. Como o trabalho é motivado pelo meu interesse em relação à temática gay, o intuito é aproximar os espectadores de assuntos relacionados à homossexualidade. Além disso, numa plataforma como o YouTube, o alcance pode ser grande, por ser gratuito, popular e aberto à participação por meio de comentários e avaliações.

Academicamente, o produto explora uma linguagem audiovisual merecedora de maior destaque, que seria a remontagem de filmes e obras audiovisuais junto de texto ensaístico, considerando a abundância de curtas de ficção na universidade. A realização pode estimular novos recursos. Algo lançado nesse formato de produto pode fazer com que interessados e atuantes na área de roteiro e edição testem suas habilidades.

Sempre me interessei por filmes independentes, mesmo sendo de origem periférica, sem poder ir ao cinema ou saber de festivais, assistia os que eram transmitidos à noite na televisão aberta ou que conseguia em locadoras de vídeo (com catálogo escasso), então, com certeza me senti muito mais estimulado a encontrar filmes com os detalhes mais específicos que eu quisesse depois de ter internet banda larga. Na época da adolescência, em que vontades que você não tinha ou não queria pensar se manifestavam, eu assisti muitos filmes gays (como são chamados), fui me interessando e me dedicando ao assunto por perceber que a representação dos gays no cinema estava se expandindo. Senti-me privilegiado por viver numa época em que filmes como esses se multiplicavam. Além disso, discuti estes filmes em fóruns e outros espaços da internet, especialmente no Filmow. Cadastrei muitos títulos que assistia, ou tinha vontade de assistir. Neste mesmo espaço, fiz várias listas e um grupo³ sobre o assunto, então, criei um vínculo com as páginas e as pessoas que participavam delas. Tudo isso se tornou um estímulo para que continuasse falando sobre as mesmas questões.

O espaço YouTube foi escolhido porque já possuo um canal que acomoda vídeos com cenas de alguns filmes com conteúdo gay. Além disso, a experiência da plataforma é próxima da minha passagem da televisão e locadoras (para outros, também do cinema e festivais) para a internet, já que no YouTube, as pessoas procuram conteúdos audiovisuais muito específicos.

³Os cadastros, listas e grupos podem ser vistos no meu perfil pessoal em: <http://filmow.com/usuario/veictor>

4 OBJETIVOS

4.1 Geral

Produzir um vídeo-ensaio que levante questões comuns às vivências gays e mostre como os conteúdos relacionados à homossexualidade são explorados em filmes.

4.2 Específicos

Ressignificar as diversas obras audiovisuais com temática gay, sobretudo, dos últimos anos. No vídeo, incluir e promover conteúdo diversificado e independente com linguagem informal. Fortalecer a visão do roteirista, bem como, estimular qualquer tipo de produto audiovisual com personagens gays verossímeis e questões relacionadas à homossexualidade, especialmente contemporâneas. Para a edição, expressar artisticamente o conteúdo, com atenção à harmonia das partes escolhidas, qualidade dos arquivos e padronização do som e das imagens.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Heteronormatividade

No documentário *The Celluloid Closet* (1995), a narradora do filme revela logo no início, “Hollywood, a grande criadora de mitos, ensinou heterossexuais o que pensar sobre os gays, e os gays o que pensar sobre si mesmos”. Levando isso em consideração, qualquer filme tem o poder de construir significados diversos sobre o que é ser homossexual. Um conjunto de concepções leva a sociedade a excluir quem é gay. Ainda que se procure validar sua condição, pode-se identificar, ao mesmo tempo, restrição a sua atuação na sociedade, o que é ditado pela percepção heteronormativa. Segundo Butler (1993), a heteronormatividade é a afirmação sistemática da heterossexualidade como a única expressão legítima, possível e natural da sexualidade. Cohen (2005) ressalta o envolvimento desse sistema em estruturas maiores de poder, incluindo questões de raça e classe social. Butler diz que é possível agir subversivamente e trazer sujeitos de volta à sociedade, mas os indivíduos podem se ver obrigados a citar a heteronormatividade por toda a vida.

Antes de adentrar nesse terreno de muitos estudos, é fundamental esclarecer que, neste trabalho, será pensada a identidade homossexual (ou gay) como social, isto é, de forma abrangente. Dessa forma, estão incluídas, mas sem esmiuçar, identidades como *queer*⁴. Essa escolha se deu considerando que, não são tão específicas as formas de se expressar política e cotidianamente ou mesmo as práticas e desejos sexuais dos indivíduos supracitados.

Ao lado da ideia de identidade gay pesam correntes com diversas posições, além de críticas que podem vir de todos os lados, especialmente, sobre o caráter normatizador de querer definir a sexualidade, ou de que este é apenas um entre vários aspectos da vida de alguém. Contudo, o desejo ou comportamento homossexual separa o indivíduo de um suposto ideal heterossexual, essa vontade que destoa da norma pode levá-lo a procurar uma identidade

⁴*Queer* é um termo auto-afirmativo e combativo da língua inglesa usado antigamente para ofender homossexuais e quem desviasse das normas. Não possui equivalente preciso em português. A teoria e política *queer* dizem respeito à ideia de identidade de gênero e orientação sexual como construção social. Alguns textos lançados após os chamados Estudos Culturais, como o livro *Gender Trouble* (1990), de Judith Butler, ajudaram a consolidar as noções da teoria. O cinema independente com representações *queer* estimulou, como nenhum outro, o aumento das produções com temática gay nos anos 2000. Essa onda de filmes dos anos 90 ficou extensivamente conhecida e foi chamada primeiramente de *New Queer Cinema* por B. Ruby Rich num artigo, e a influência deste movimento nos exemplares dos últimos anos é algo confirmado pela própria autora. Apesar disso, ao se desvincilhar da ideia de *cinema queer*, podemos pensar em qualquer cinema que trata da homossexualidade masculina ou práticas homoeróticas entre homens.

homossexual, o que gera conflito com a heteronormatividade.

A procura por essa identidade costuma se dividir em estágios específicos, sendo que até aí, essa identidade tem duas dimensões, a forma de se ver e a forma como o indivíduo é visto. É o que explica Nunan (2007), e complementa:

[...] afirmar-se como homossexual afeta grandemente a inserção social e a vivência psíquica destas pessoas, o que significa que não podemos ignorar a importância desta identidade, sobretudo para o movimento gay, fundado na construção de uma identidade possível. Apesar destes comentários, visto que o desejo, seja este homo ou heterossexual, é polivalente, talvez seja mais correto falar em homossexualidades, isto é, em várias identidades homossexuais. (NUNAN, 2007, p. 34)

Citando Chasin (2000), ela diz que os homossexuais se mobilizaram ao redor da identidade sexual porque era na sexualidade que eles se sentiam mais invalidados. Para Nunan (2001), a identidade homossexual pode ser vista como uma realidade necessária diante de objetivos práticos, como o combate à homofobia, sendo fundamental para o movimento gay como uma estratégia utilizada na reivindicação de direitos, desenvolvida também através da influência na Comunicação. Ela ressalta que a identidade gay é mais facilmente incorporada pelos homossexuais masculinos brancos de classe média, e explica que esta identidade não é a única possível ou desejável para todos aqueles com algum comportamento homossexual, se referindo aos negros e pobres. Pode-se dizer o mesmo dos oriundos de contexto rural. Também menciona a repercussão da AIDS nos anos 80 como uma das principais responsáveis pela visibilidade da homossexualidade. Um sinal posterior é que crescem justamente nos anos 90 as representações positivas de homossexuais em séries e filmes. Diante do exposto, para abordar adequadamente as vivências gays é preciso entender as demandas em relação aos homossexuais, bem como, olhar para o que é ignorado ou pouco discutido.

5.2 Um homem que dorme

Como inspiração para o roteiro do vídeo-piloto, usei o romance *Um homem que dorme* (1967), de Georges Perec. No livro, um rapaz escolhe reagir frente ao mundo com indiferença e essa decisão o torna mais sensível. Essa síntese abrange uma percepção que queria transmitir, e que vai de encontro ao conteúdo do artigo *A Epidemia da Solidão Gay*⁵, de

⁵Ver discussão do texto na página 19.

Michael Hobbes, que será discutido posteriormente. Não posso deixar de citar o filme *Um homem que dorme* (1974)⁶, baseado no livro e dirigido por Bernard Queysanne, que é ensaístico por recorrer ao uso de uma narração para expressar os sentimentos subjetivos de um personagem, e colocar esses pensamentos à frente de tudo. No filme, há um protagonista isolado da ordem social vagando por Paris. A narradora nos revela que o rapaz na faixa dos 20 anos é um estudante desacreditado. Hauaji (2004) afirma que o texto de Perec é “pura autobiografia reinventada”. Ela conclui:

Na contemporaneidade, ocorre o deslocamento de todo e qualquer centro; o único permitido é o centro urbano, que serve de santuário para este indivíduo quase nulo [...] vemos um homem narcisista que necessita deixar seu valioso nome gravado em muros efêmeros [...] O drama do “pós-moderno” é justamente, depois de se ter colocado em vacância a figura de Deus, lidar com o trauma deste espaço vazio e/ou arranjar-Lhe sucedâneos. No início, e na maior parte do romance de Georges Perec, *Um homem que dorme*, você está entretido em fazer de si esse sucedâneo; no final, tenta avir-se com a possibilidade de que o lugar de Deus está mesmo vazio, e o conceito de “Deus” é como as manchas na parede do seu quarto, apenas isso - uma ideia, ou a projeção de uma ideia. (HAUAJI, 2004, p. 136/137)

Em geral, o livro abre discussão sobre a pós-modernidade, tema recorrente da obra de Bauman, que aponta a globalização como algo que abalou as estruturas dos Estados e dos indivíduos. Sendo assim, para ele, instaura-se uma crise das identidades sociais, que agora são incertas e transitórias. O referido autor complementa essa ideia discorrendo sobre a esperança de sentir-se em casa, como uma resposta, o que chamou de crise de pertencimento, intimamente ligada à perda de âncoras sociais, que seriam a família, os sindicatos e as igrejas, principalmente. Acreditar que se faz parte de uma comunidade tornou-se frágil, há hoje uma homogeneização da cultura, pois não se vê mais como algo dado que não se pode recusar. Relações culturais, segundo ele, estão construídas na história por questões de poder, fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos e há uma crônica falta de recursos com os quais se pode construir uma identidade verdadeiramente sólida e duradoura.

5.3 Ensaísmo no audiovisual

A ideia de juntar cenas de vários filmes com temáticas parecidas para mostrar algumas

⁶Vencedor do Prêmio Jean Vigo de longa-metragem, em 1974.

questões comuns através de uma interpretação pessoal abarca o que se entende como ensaístico. Ao crescente número de filmes com “gestos ensaísticos”, Feldman (2010) atribui estratégias que visam a intensificação de efeitos de verdade, seja por meio da apropriação e captura de marcas de reflexividade ou investimento na exposição de uma suposta intimidade como espaço privilegiado da verdade de um sujeito. Para ela, há um rigor na composição do olhar reflexivo, parcial e subjetivo do cineasta, mesmo que não seja em primeira pessoa. Sobre o ensaio, ela explica:

Tal qual um gênero híbrido e moderno, entre arte e filosofia, entre a precisão conceitual e a busca por um estilo livre pessoal, o ensaio se volta contra o imediato para estabelecer mediações, preferindo sempre o parcial, o inconcluso e o fragmentário. Preferindo aquilo que escapa ao pensamento sistemático, de pretensões totalizantes ou dogmático - aquilo que escapa, portanto, às rígidas definições conceituais e as deduções definitivas. Arte do transitório, do contingente e do “despropósito”, como sinaliza Adorno, o ensaio nos coloca a impossibilidade de exaurirmos uma relação com o objeto, não admitindo conciliação ou consenso nem dissolvendo tensões entre as formas artísticas e nossa experiência social e histórica, entre a construção e a expressão. (FELDMAN, 2010, p. 150)

Machado (2003) expõe que a ideia do filme-ensaio é fazer emergir uma voz reflexiva para o Audiovisual. Com subjetividade no enfoque, ela é capaz de expor o sujeito que fala, com eloquência da linguagem, caracterizada por uma preocupação com a expressividade do conteúdo e a liberdade de criação, ou seja, vai além de uma simples comunicação de ideias. Diferenciando filme-ensaio de documentário, experimentação e autobiografia, Corrigan (2015) diz que, para reconhecer o filme-ensaio é preciso identificar uma subjetividade expressiva, comumente percebida na voz ou na presença efetiva de um cineasta ou substituto. Também pontua uma das características definidoras, que seria buscar uma resposta às questões e provocações que uma subjetividade não resolvida dirige ao seu público. Sendo assim, com imagens filmadas ou encontradas, o filme-ensaio consegue, ao mesmo tempo, explorar um objeto e mostrar como vê esse objeto; o que torna isso possível é a edição, a multiplicação de combinações torna infinitas as possibilidades de organização de som, imagem e texto.

O ensaio passou a ser considerado um gênero textual com Montaigne em 1580, mas isso não significa que textos com características de ensaio não existiam anteriormente. Da mesma forma, o filme-ensaio, que tem como primeiro exemplar *Carta da Sibéria* (1957), de

Chris Marker, também teve seus precursores, filmes que transmitiram estruturas parecidas anteriormente, como *Um homem com uma câmera* (1929), de Dziga Vertov e *A propósito de Nice* (1930), de Jean Vigo. Os dois adiantaram as estruturas e termos da prática cinematográfica ensaística. No filme de Vertov, ele é supervisor do experimento e o apresenta como um diário de um cinegrafista. Também antecedeu os anos 50, os estudos de teóricos sobre as características do filme-ensaio, com destaque para a década de 40, de posições mais firmes em relação às novas possibilidades cinematográficas e de expressão no cinema.

5.4 YouTube

Com esse trabalho, também procurei interpretar algo que aconteceu comigo ao criar um canal no YouTube em 2013⁷. O primeiro vídeo que eu carreguei no site, no mesmo ano, foi uma montagem do filme *Freier Fall* (2013), romance gay alemão. Em 2017, postei uma sequência específica do filme *This Movie is Broken* (2010), sobre a banda canadense Broken Social Scene (intitulado *Gay Scene from "This Movie is Broken"*). Depois de alcançar um alto número de visualizações com cada um sem nenhum compartilhamento ou meio de divulgação, eu também adquiri vários inscritos⁸. Consegui ver que efetivamente há um público para tais vídeos, e que muitas pessoas procuram criar vínculo com quem posta esse tipo de conteúdo. Cheguei a essa conclusão porque, entre os vídeos mais assistidos, o autor das postagens populares nem sempre tem muitos inscritos em seus respectivos canais.

Explorando a ideia de não-lugar, espaço de passagem que não dá forma a nenhuma identidade, de Marc Augé, Iversen (2009, p. 347) diz que há algumas similaridades entre o cinema e o YouTube. Para ele, quando se visita o YouTube, você está em todos os lugares e em nenhum ao mesmo tempo, é um oceano de imagens e sons com todo tipo de experiência. A superabundância de eventos no mundo exerce influência sobre a individualidade, provocando uma abundância de egos, os indivíduos se libertam reflexiva e subjetivamente das restrições socioculturais convencionais. Machado (2007, p. 133) fala do surgimento de novos meios que “redirecionam inteiramente a indagação sobre o sujeito” e nos coloca diante de novos problemas, uma vez que os meios “pós-cinematográficos” assumem a hegemonia do

⁷O meu canal com os vídeos citados no trabalho pode ser visto em:

<http://www.youtube.com/VictorSantanaveictor>

⁸Cada um dos dois vídeos alcançou mais de 100 mil visualizações. Em novembro de 2017, o canal tinha quase 500 inscritos.

mercado audiovisual.

A supermodernidade, reinterpretada por Iversen, age em meio à oscilação e ao excesso de significação, espaço e tempo, e não se preocupa com a criação, identificação ou destruição dos valores da verdade. Ele diz que um dos pontos característicos do YouTube é o excesso. A plataforma oferece uma superabundância de clipes e torna difícil uma navegação precisa, ele exemplifica como uma encruzilhada onde as pessoas se encontram, mas onde as referências são individualizadas através de *tags* e classificação, e onde os usuários interpretam a informação por eles próprios e para si mesmos. Iversen volta a citar Augé para afirmar que o YouTube, sendo uma espécie de não-lugar, "não se cria identidade ou relações; apenas solidão e semelhanças", mas para Iversen, ainda assim, novas identidades digitais florescem e há aspectos positivos predominantes na plataforma, como fazer *upload* de um vídeo e encorajar amigos ou uma comunidade a assistir e comentar, existindo assim uma possibilidade de criar um "lugar" a partir de um não-lugar por meio da interação social.

6 METODOLOGIA

6.1 Pesquisa

A primeira vez que eu pensei em filme-ensaio sobre temática gay foi na disciplina Oficina de Roteiro, no primeiro semestre de 2016, com a professora Érika Bauer, mas na época desenvolvi um roteiro que pretendia filmar, também intitulado *Eu Não Quero Acordar*. O nome veio de uma lista de filmes e séries que criei⁹. Formada principalmente por dramas independentes, eu apresento a lista como uma coleção sobre a “idealização da imaturidade”. A listagem inclui filmes com personagens “estranhos” que já de início tratam as adversidades da vida de uma forma que o coletivo julga imatura. No desenvolvimento, estes personagens seguem propósitos e, diante da realidade e eventuais “lições”, continuam com os mesmos ideais e, em geral, não veem seus comportamentos prévios como errados. Ao tratar esse posicionamento como um ponto decisivo da história, os filmes costumam enaltecer a resistência dos personagens.

Um dos exemplares da lista é o drama espanhol *Animals* (2012), dirigido por Marçal Forés. Na história, Pol é um adolescente incapaz de se desvencilhar da ligação com o melhor amigo de infância dele, Deerhoof, um urso de pelúcia. Com o sumiço do brinquedo, ele parece finalmente prestar atenção no que acontece ao seu redor, isso inclui a chegada de um novo aluno na sua turma. Mas a realidade o faz sangrar. No fim, ele retoma a relação que tinha com Deerhoof e estende sua conexão com o imaginário. Dessa forma, eu queria um protagonista incomum para o meu produto, qualquer que fosse esse resultado. Alguém que se sentisse incapaz de mudar de fase na vida e, assim como muitos personagens da lista, que também fosse ansioso e desajustado.

A minha vontade de “experimentar” o filme-ensaio veio em 2015, depois de assistir *Beyond Clueless*, de Charlie Lyne, um filme sobre o cinema adolescente dos Estados Unidos. Aliando a temática gay às questões da lista citada e *Beyond Clueless*, tive uma imagem inicial do que eu queria com o produto. No segundo semestre de 2016, em Pré-projeto, com a Denise Moraes, já defini que o produto seria uma antologia de vídeos ensaísticos com cenas de filmes ou quaisquer obras audiovisuais adequadas ao que eu quisesse passar. Nesse primeiro momento, achei que todo o material do vídeo deveria ser separado levando em consideração

⁹Pode ser vista em: <https://filmow.com/listas/eu-nao-quer-acordar-130191/>

temática e narrativas mais ou menos específicas. Em seguida, seriam selecionadas partes, cenas ou sequências para posteriormente acompanhar uma narração. O texto da narração ganharia corpo levando em consideração a montagem. Procuraria dar uma atenção inicial à harmonia das partes escolhidas, sempre pensando o que se tiraria de cada parte para um argumento. A ideia de narração em primeira pessoa veio quando vi *Fear itself*, obra posterior de Lyne sobre filmes de terror, que se apresenta da mesma forma.

Encontrei o artigo sobre solidão gay, um novo tema que gostei muito e falei previamente. Como o artigo fala do descontentamento dos gays, inclusive os que estão em relacionamentos, senti que foi uma boa escolha. Ele também aborda a ideia de resistência frente à realidade. Antes de começar o semestre de Projeto Experimental, o segundo de 2017, ficou definido que os filmes abordados seriam os romances gays do ano de 2000 em diante. Comecei pensando em pelo menos 36 títulos e, durante o semestre, esse número foi diminuindo. Segue a tabela com os dezoito filmes escolhidos:

Tabela 01 - Filmes do vídeo-piloto: Dezoito romances gays

	TÍTULO ORIGINAL	ANO	PAÍS	DIREÇÃO	DURAÇÃO
1	Presque rien	2000	França/Bélgica	Sébastien Lifshitz	98 mins.
2	Rückenwind	2009	Alemanha	Jan Krüger	75 mins.
3	Mannen som elsket Yngve	2008	Noruega	Stian Kristiansen	94 mins.
4	Einayim petukhoth	2009	Israel/Alemanha/França	Haim Tabakman	91 mins.
5	Contracorriente	2009	Peru	Javier Fuentes-Léon	100 mins.
6	Weekend	2011	Reino Unido	Andrew Haigh	97 mins.
7	Noordzee, Texas	2011	Bélgica	Bavo Defurne	94 mins.
8	Stadt land fluss	2011	Alemanha	Benjamin Cantu	88 mins.
9	Keep the lights on	2012	Estados Unidos	Ira Sachs	101 mins.
10	Westerland	2013	Alemanha	Tim Staffel	85 mins.
11	Hors les murs	2012	Bélgica/Canadá/França	David Lambert	98 mins.
12	Silent youth	2012	Alemanha	Diemo Kemmesies	73 mins.
13	Plynace wiezowce	2013	Polônia	Tomasz Wasilewski	85 mins.
14	Freier fall	2013	Alemanha	Stephan Lacant	100 mins.
15	Hoje eu quero voltar sozinho	2014	Brasil	Daniel Ribeiro	95 mins.
16	Jongens	2014	Holanda	Mischa Kamp	78 mins.
17	Hawaii	2013	Argentina	Marco Berger	101 mins.
18	You & I	2014	Alemanha	Nils Bökamp	86 mins.

Fonte: Filmow

6.2 A retórica do remix

Kuhn (2012) sintetiza o que é realizar algo frequentemente menosprezado e de elaboração aparentemente descomplicada com o objetivo de gerar reflexão. Ela fala dos benefícios de considerar vídeos remontados como discurso digital, mas especialmente da dificuldade em “aceitá-lo”:

Basicamente, a visão do *remix* como um ato de discursar digitalmente eliminaria termos como apropriação e reciclagem, que sugerem a superioridade de um autor ou texto original. Esta noção resiste às hierarquias que defendem a grande mídia e fazem dos esforços de fãs um modo de discurso de segunda classe, de competência do amador e do trivial. Na verdade, a linguagem não pode ser linguagem, a menos que seja entendida e usada entre seus membros. Essa abordagem também poderia abrir um espaço para considerar artefatos que desafiam a categorização fácil e, como tal, são deixados de fora do padrão emergente. (KUHN, 2012, tradução minha)

Segundo ela, um *vídeo-remix* se assemelha a uma busca acadêmica, ele “cita, sintetiza e justapõe suas fontes”. O argumento criado não está somente ancorado na fala ou na escrita, ele amplia seus recursos com som e imagem, além de palavras. Acompanhando essa lógica, poemas ou narrativas podem originar um *vídeo-remix*, só mudam as estratégias retóricas. Além disso, a visão do *remix* como discurso pode intervir em questões de direitos autorais e *fair use*¹⁰, particularmente se for reivindicado o uso de material de origem como citações, uma forma de evidência necessária para criar o seu ponto de vista.

Kuhn analisa alguns vídeos do YouTube como práticas de discurso, um deles é *Sex and the remix (Queering Sex and the City) Season 1*¹¹, onde são explorados *voice-overs* da série televisiva *Sex and the City* (1998-2004) e as narrativas das protagonistas são mudadas. Na nova montagem, todas estão insatisfeitas com a heteronormatividade e “saem do armário”. A autora Elisa Kreisinger faz isso sem incluir imagens ou áudios novos, ela explica o seu projeto¹² dizendo que a série *Sex and the City* se apropria de linguagem feminista para recontar “velhos contos de fadas patriarcais”, logo, o objetivo dela seria revelar essa faceta do programa. Considerando as noções de discurso digital de Kuhn, e filme-ensaio, de Machado e Corrigan, eu procurei representar minhas referências através da narração em primeira pessoa.

¹⁰*Fair use* ou uso aceitável, numa tradução precisa, é um conceito da legislação dos Estados Unidos sobre uso legal de material protegido por direitos autorais para fins educacionais, de crítica, comentário, divulgação ou pesquisa.

¹¹Pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=Wn_WHLTK3qI

¹²A autora comenta o trabalho dela em: <https://elisakreisinger.wordpress.com/>

6.3 Solidão gay

No artigo *A Epidemia da Solidão Gay*¹³, Michael Hobbes relata certa divergência entre o destino de seus amigos gays em oposição aos héteros. Enquanto os últimos somem, segundo ele, por causa de casamento, filhos e vida pacata, os outros vivem ansiosos, isolados e se envolvendo em comportamentos arriscados. Hobbes (2017) procura entender porque isso não mudou com os avanços sociais, como o casamento homoafetivo. A seguir, os detalhes deste artigo são sobre o recorte do referido autor, partindo de alguns casos específicos e apoiado por estudos e posições de profissionais, como psicólogos. O conteúdo serve de diálogo com as referências sobre pós-modernidade e YouTube, inspiração para o vídeo-ensaio, além de expor uma das principais ideias exploradas no trabalho, mudanças sociais e continuidade da solidão gay.

Em outro momento do artigo, Hobbes fala de uma suposta “retraumatização”, quando os homossexuais veem que se assumir ou sair do armário não resolve muitos problemas. Ou que pertencer à comunidade gay não significa “ser aceito”, porque os desafios da masculinidade são os mesmos, se referindo à divisão de gays entre femininos e masculinos, aos corpos padronizados e experiências “vazias” em aplicativos de “pegação”. Ele também menciona aumentos no pico de ansiedade e depressão entre os homens gays diante de decisões políticas direcionadas a eles, algo que aconteceu com frequência nos últimos anos.

Com menos amigos íntimos e mais chance de suicídio e desdobramento de várias doenças, ele chega em mais um dos pontos principais que gostaria de pontuar no trabalho. O autor descreve o fato dos gays não verem a homossexualidade como um aspecto realmente importante na vida, a ponto de se privarem constantemente, sem revidar em situações desagradáveis ou que causam sofrimento. Ele cita Annesa Flentje, uma pesquisadora de estresse que fala em “maneiras automáticas de pensar que nunca são colocadas em dúvidas ou desligadas”, ou seja, quando os gays não encontram ferramentas para lidar com o estresse, eles acabam “levando o armário” para a vida, lidando quase sempre da mesma maneira. Hobbes conclui o artigo com uma inquietação de um conhecido, sobre a busca incessante por inclusão quando se deve pensar em “aceitar e aprender” a diferença.

¹³O texto foi traduzido por Marcio Caparica para o site *Lado Bi*. Disponível em: <http://ladobi.uol.com.br/2017/03/solidao-gay/>

6.4 Produção

Antes de tudo, defini que queria falar diretamente sobre *Presque rien* e *Westerland*, minha vontade era explicar cada um. Comentários de pessoas que não entenderam ou que não veem propósito nos dois longas-metragens são comuns. *Presque rien* não tem uma estrutura linear, então, eu poderia organizar a linha do tempo do filme. *Westerland* é um romance gay quase “enigmático”, sem cenas de beijo e sexo. Poderia, da mesma forma, falar de detalhes da relação dos dois rapazes. Mas se fizesse isso estaria realizando vídeos-ensaios tradicionais, eu decidi que incluiria apenas um resumo de cada, e foi a forma mais direta de esclarecer o que acontece nos dois. Minha intenção também foi usar ambos os filmes como parâmetro para o roteiro, pois, a meu ver, são os dois melhores exemplares para tratar do que aborda o artigo sobre solidão gay, ou mais rigorosamente, o que eu tirei dele. Procurei criar algo que refletisse os sentimentos de cada protagonista (Mathieu e Cem). Estabeleci que o narrador seria um estudante desacreditado.

Acabou sendo mais apropriado, para mim, primeiro selecionar todos os trechos, mas sabendo que a narração iria se adequar a certos assuntos. Ao escolher as sequências, tive em mente que ia definir como mais adequados os trechos que comunicassem as noções de cotidiano, contemplação e indiferença. A última versão do roteiro¹⁴ tem apenas metade das falas pensadas inicialmente e se divide em 8 momentos, sendo dois deles montagens sem narração, só com música. Algumas ações comuns se repetem nos conjuntos de trechos de filmes diferentes. Isoladamente, os exemplares com mais tempo de exibição têm os títulos mostrados.

Os discursos das montagens musicais nos filmes do Charlie Lyne me inspiraram a planejar algo parecido para o vídeo-piloto. Em *Beyond Clueless*, ele intercala trechos com adolescentes se preparando para transar. Os rapazes estão apreensivos e assustados e as meninas determinadas e ousadas. “Losing It”, música original da banda inglesa Summer Camp, acompanha a montagem¹⁵ (Fig. 01). O diretor certamente expõe os ideais patriarcais do cinema adolescente dos Estados Unidos nesse momento. Ele insere essa montagem depois de uma análise de *The Girl Next Door* (2004), filme sobre um adolescente inexperiente que conhece uma atriz pornô e a “salva” (palavras de Lyne) da indústria pornográfica.

¹⁴Ver Apêndice: Roteiro (página 28)

¹⁵Pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=CvAYK9gs0rU>

Figura 01 - Montagem musical em *Beyond Clueless*



Fonte: FilmRise (minha edição)

Em determinada parte de *Fear Itself*, a narradora concebida por Lyne fala sobre sentir-se imbuída de medo. Em seguida, há uma montagem¹⁶ (Fig. 02) que inclui cenas do filme *Repulsion* (1965). Também há uma câmera alta que se aproxima e se distancia de um homem aterrorizado em *Amityville II: The Possession* (1982). As imagens e uma composição original de Jeremy Warmesley (da banda Summer Camp) se complementam:

Figura 02 - Montagem musical em *Fear Itself*



Fonte: BBC (minha edição)

No vídeo-piloto finalizado, procurei explorar a entrada e saída de quadro, bem como, a alternância entre casais e personagens sozinhos. A montagem musical que corresponde à imagem a seguir (Fig. 03) tem trechos dos filmes *Stadt land fluss* (2011), *Jongens* (2014), *Presque rien* (2000), *Noordzee, Texas* (2011) e *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014):

Figura 03 - Montagem musical em *Eu não quero acordar*



Fontes: Salzgeber/Wolfe Video/Imovision (minha edição)

¹⁶Pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=sTELS2ZZ9vk>

As informações que juntei de formato, resolução e tamanho dos arquivos de filmes completos (dois de cada) estão na tabela a seguir:

Tabela 02 - Informações dos arquivos completos reunidos

	ARQUIVOS	FONTE	FORMATO	RESOLUÇÃO	TAMANHO
1	Presque rien	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	1.55GB/4.22GB
2	Rückenwind	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	1.34GB/4.27GB
3	Mannen som elsket Yngve	Blu-ray/Blu-ray	MKV/MKV	1080p/720p	6.53GB/4.36GB
4	Einayim petukhoth	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	1.46GB/4.01GB
5	Contracorriente	Blu-ray/Blu-ray	MKV/MKV	1080p/720p	7.93GB/4.35GB
6	Weekend	Blu-ray/DVD	MKV/VOB IFO	1080p/-	6.55GB/7.00GB
7	Noordzee, Texas	Blu-ray/Blu-ray	MKV/MKV	1080p/720p	7.23GB/3.56GB
8	Stadt land fluss	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	1.33GB/4.36GB
9	Keep the lights on	Blu-ray/Blu-ray	MKV/MKV	1080p/720p	7.64GB/4.36GB
10	Westerland	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	623MB/3.48GB
11	Hors les murs	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	1.60GB/3.17GB
12	Silent youth	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	846MB/4.82GB
13	Plynace wiezowce	Blu-ray/Blu-ray	MKV/MKV	720p/1080p	5.04GB/1.38GB
14	Freier fall	Blu-ray/Blu-ray	MKV/MKV	1080p/720p	4.25GB/1.79GB
15	Hoje eu quero voltar sozinho	Blu-ray/WEB	MKV/MKV	1080p/720p	6.56GB/4.23GB
16	Jongens	WEB/DVD	MKV/VOB IFO	720p/-	2.33GB/4.33GB
17	Hawaii	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	934MB/5.94GB
18	You & I	DVD/DVD	MKV/VOB IFO	-/-	834MB/3.78GB

No computador, na pasta que separei para os arquivos, ficou um total de 25 vídeos em formato *mkv* e 11 pastas internas de dvds intocados (isto é, em formatos *VOB IFO*), como aponta a tabela. Separei os trechos dos arquivos, converti o que estava em *mkv* para o formato *mp4*, salvei todos em alta definição e *aspect ratio* 16:9 com o programa *FFmpeg*. Iniciei o primeiro corte juntando os fragmentos separados anteriormente e pensando no tempo da narração através do roteiro, sem música e com os áudios originais dos filmes. Em relação ao tempo, defini que deveria ter cerca de 5 minutos.

Num cenário ideal, cada vídeo teria basicamente um roteirista, um diretor (ou os dois), um técnico/editor de som, editor de imagens e um ator. No caso do vídeo-piloto, algumas funções foram acumuladas. Para captar as narrações, foi necessário usar o laboratório/estúdio

de som da universidade. Para editar o som e imagens foram utilizados softwares de edição sonora e edição filmica. A narração foi gravada no laboratório da UnB. Para o novo corte, pensei em algo mais rápido e fragmentado para a parte dos resumos. Além de cortar grande parte das falas em razão do tempo do vídeo. Também retirei alguns trechos que tinha separado. Finalizei o segundo corte sem narração e música, apenas com os áudios dos filmes.

Sobre a gravação da narração no laboratório de áudio, passei anteriormente para o ator Rafael Ferrari, por e-mail, o roteiro e a primeira cena do filme *Fear itself*¹⁷. Antes da gravação, eu o orientei a falar pausadamente e manter o mesmo ritmo, queria uma narração parecida com a do filme. Gravamos em dois dias. Depois da gravação no laboratório, as músicas foram definidas por mim e selecionei as melhores partes das gravações no laboratório. Então, o som foi mixado pelo Gabriel Pimentel. Ele uniu narração e os áudios originais dos filmes com as músicas, eu o orientei. Por fim, posteriormente, eu o acompanhei nas últimas edições/mixagens.

¹⁷O vídeo pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=sWO4BZdljco>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho reforça meu empenho em discutir conteúdos relacionados à homossexualidade masculina no Audiovisual. A temática gay se expandiu nos últimos anos, e merece atenção em virtude de questões que persistem no coletivo e resultam da percepção heteronormativa. O interesse se deu pela minha proximidade desde adolescente com as séries e filmes que abordam o tema, além de experiência com um canal do YouTube, meu perfil no Filmow e a conexão que senti assistindo os filmes de Charlie Lyne no ano de 2015.

Apesar do canal dos vídeos com cenas de filmes ter me preparado para a plataforma, procurei me aproximar de um trabalho mais aprimorado, porque antes minha intervenção se resumia à seleção e edição de um material. De início, analisei o histórico e características do filme-ensaio e, com o vídeo-ensaio, procurei explorar o discurso de uma expressão artística ainda pouco valorizada e discutida por quem produz e acompanha vídeos do YouTube.

A opção de citar filmes feitos e veiculados depois do ano 2000 procurou situar o problema da solidão gay nesse período histórico. Além de tudo, casamento e monogamia são frequentemente vistos como uma “solução” para os gays, então, uma demanda de filmes com casais homoafetivos e finais felizes se criou, além de personagens homossexuais exemplares e uma comunidade gay coerente. Logo, o trabalho busca expor questões como indiferença ou resistência à realidade num período de conquistas como o casamento homoafetivo, que podem causar ansiedade porque são sentidas como “exigências” e influenciam a opinião geral num projeto de maior segurança para os homossexuais. Em conclusão, como o objetivo é produzir um vídeo-ensaio examinando a solidão gay contemporânea, abriu-se espaço nele para discutir a transitoriedade dos relacionamentos homoafetivos e o afastamento do homossexual na sociedade num momento particular e de contínuo ajuste.

8 REFERÊNCIAS

8.1 Bibliografia

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter:** on the discursive limits of sex. London: Routledge, 1993.

_____. **Gender trouble:** Feminism and the subversion of identity. London: Routledge, 1990.

CHASIN, Alexandra. **Selling out:** the gay & lesbian movement goes to market. New York: St. Martin's Press, 2000.

COHEN, Cathy. Punks, bulldaggers, and welfare queen: The radical potential of queer politics?. In: E. Patrick Johnson, Mae G. Henderson (orgs.). **Black Queer Studies.** Estados Unidos: Duke University Press Books, 2005.

CORRIGAN, Timothy. **O filme-ensaio:** desde Montaigne e depois de Marker. Papirus, 2015.

FELDMAN, Ilana . Na contramão do confessional: o ensaísmo em 'Santiago', 'Jogo de cena' e 'Pan-cinema permanente'. In: Cezar Migliorin. (org.). **Ensaaios no real - o documentário brasileiro hoje.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010, V. 1, p. 149-167.

FIGUEIRÓ, Belisa. Filme-ensaio: o cinema do sentido. **Revista de Cinema**, em 26 de agosto de 2016. Disponível em <<http://revistadecinema.uol.com.br/2016/08/filme-ensaio-o-cinema-do-sentido/>> Acesso em: 17 de novembro de 2017.

HAUAJI, Karime. **“Pós-moderno”, monstros, inumano:** Um homem que dorme, de Georges Perec. Dissertação de Mestrado em Letras. UFJF, 2004.

HOBBS, Michael. The Epidemic of Gay Loneliness. **Huffington Post**, em 2 de março de 2017. Disponível em <<http://highline.huffingtonpost.com/articles/en/gay-loneliness/>> Acesso em: 17 de novembro de 2017.

IVERSEN, Gunnar. An Ocean of Sound and Image: YouTube in the Context of Supermodernity. In: SNICKARS, P.; VONDERAU, P. **The YouTube Reader**, Estocolmo: National Library of Sweden, 2009. V. 12, p. 347-357.

KUHN, Virginia. The rhetoric of remix. In: COPPA, F.; RUSSO, J.L. **Fan/Remix Video**, California: Transformative Works and Cultures, 2012.

MACHADO, Arlindo. O filme-ensaio. **Concinnitas**. Rio de Janeiro: UERJ, ano 4, nº 5, 2003.

_____. **O sujeito na tela**. São Paulo: Paulus, 2007.

NUNAN, Adriana. **A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. PUC-RIO, 2001.

_____. **Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado**. Tese de Doutorado em Psicologia. PUC-RIO, 2007.

PEREC, Georges. **Um homem que dorme**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

8.2 Filmes citados

À propos de Nice (*França, 1930, 25'*). Direção: Jean Vigo.

Amityville II: the possession (*México/Estados Unidos, 1982, 104'*). Direção: Damiano Damiani.

Animals (*Espanha, 2012, 94'*). Direção: Marçal Forés.

Beyond Clueless (*Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, 2014, 89'*). Direção: Charlie Lyne.

Chelovek s kino-apparatom (*União Soviética, 1929, 68'*). Direção: Dziga Vertov.

Cinema Novo (*Brasil, 2016, 90'*). Direção: Eryk Rocha.

Contracorriente (*Peru, 2009, 100'*). Direção: Javier Fuentes-Léon.

Einayim petukhoth (*Israel/Alemanha/França, 2009, 91'*). Direção: Haim Tabakman.

Fear itself (*Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, 2015, 88'*). Direção: Charlie Lyne.

Freier fall (*Alemanha, 2013, 100'*). Direção: Stephan Lacant.

Hawaii (*Argentina, 2013, 101'*). Direção: Marco Berger.

Hoje eu quero voltar sozinho (*Brasil, 2014, 95'*). Direção: Daniel Ribeiro.

Hors les murs (*Bélgica/Canadá/França, 2012, 98'*). Direção: David Lambert.

Jongens (*Holanda, 2014, 78'*). Direção: Mischa Kamp.

Keep the lights on (*Estados Unidos, 2012, 101'*). Direção: Ira Sachs.

Lettre de Sibérie (*França, 1958, 62'*). Direção: Chris Marker.

Mannen som elsket Yngve (*Noruega, 2008, 94'*). Direção: Stian Kristiansen.

Moonlight (*Estados Unidos, 2016, 111'*). Direção: Barry Jenkins.

Noordzee, Texas (*Bélgica, 2011, 94'*). Direção: Bavo Defurne.

Plynace wieszowce (*Polónia, 2013, 85'*). Direção: Tomasz Wasilewski.

Presque rien (*França/Bélgica, 2000, 98'*). Direção: Sébastien Lifshitz.

Repulsion (*Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, 1965, 105'*). Direção: Roman Polanski.

Rückenwind (*Alemanha, 2009, 75'*). Direção: Jan Krüger.

Silent youth (*Alemanha, 2012, 73'*). Direção: Diemo Kemmesies.

Stadt land fluss (*Alemanha, 2011, 88'*). Direção: Benjamin Cantu.

The celluloid closet (*Estados Unidos, 1995, 102'*). Direção: Rob Epstein/Jeffrey Friedman.

The girl next door (*Estados Unidos, 2004, 108'*). Direção: Luke Greenfield.

This movie is Broken (*Canadá, 2010, 85'*). Direção: Bruce McDonald.

Un homme qui dort (*França/Tunísia, 1974, 77'*). Direção: Bernard Queysanne.

Weekend (*Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, 2011, 97'*). Direção: Andrew Haigh.

Westerland (*Alemanha, 2013, 85'*). Direção: Tim Staffel.

You & I (*Alemanha, 2014, 71'*). Direção: Nils Bökamp.

9 APÊNDICE: ROTEIRO

EU NÃO QUERO ACORDAR - EPISÓDIO 1 (PILOTO)

1. “DUCHA” (INTRODUÇÃO)

SOM: Áudios dos filmes, Narração (LOC OFF 3: 32” - 54”)

Trilha: “**Cavern**” (YouTube Library)

TRECHOS: Freier Fall (01:26:29), Keep the Lights On (01:30:31), Mannen som elsket Yngve (46:43)

Para ter um dia emocionante, eu tomo decisões de última hora.

VERSÃO FINAL: 36”

2. “ROUPA”

SOM: Áudios dos filmes, Narração (LOC OFF 1: 52” - 1’ 08”)

Trilha: “**Cavern**” (YouTube Library)

TRECHOS: Westerland (13:37), Hawaii (46:58)

Aparecer o título do vídeo: Eu não quero acordar

Evito ao máximo fazer algo que importa. Eu sei disso, só não me convenci que não é aceitável. Tudo bem, ter planos é melhor que ter expectativa, ainda assim, eu vivo como se estivesse esperando alguma coisa.

VERSÃO FINAL: 37” - 54”

3. “TREM”

SOM: Áudios dos filmes, Narrações

(1. LOC OFF 1: 3’ 12” - 3’ 21”);

2. LOC OFF 3: 1’ 41” - 1’ 47”);

3. LOC OFF 6: 6’ 01” - 6’ 05”);

4. LOC OFF 6: 6’ 51” - 6’ 59”)

Trilha: “Cavern” (YouTube Library)

TRECHOS: Silent Youth (16:33), Rückenwind (03:12), Weekend (06:27), Hors les murs (47:02)

[1] Alguns podem dizer que só querem ser tratados de forma justa, como todo mundo, mas não é tão simples. [2] Tolerância não é tudo, mas eu posso ficar satisfeito em ser ignorado. [3] Eu resolvi sair, porque não faz diferença. [4] Não dá para superar algo fingindo que aquilo não existe, isso só dá mais força para as suas preocupações.

Música: “Get There” (YouTube Library) - Início/Baixa

TRECHO: Plynace wieszowce (27:13)

VERSÃO FINAL: 55” - 1’ 29”

4. “MOTO E BICICLETA” (SEM TEXTO)

SOM: Áudios dos filmes

Música: “Get There” (YouTube Library) - Mais baixa no trecho de Stadt land fluss (rapaz de jaqueta azul de bicicleta), depois aumenta.

TRECHOS: Stadt land fluss (47:24), Jongens (20:49)

Aparecer título do filme e ano: Jongens (2014)

TRECHOS: Noordzee Texas (28:42), Presque rien (46:30), Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (36:35), Jongens (43:37)

TELA PRETA

VERSÃO FINAL: 1' 30" - 2' 15"

5. “WESTERLAND” E “PRESQUE RIEN”

SOM: Áudios dos filmes, Narrações

(1. LOC OFF 6: 8' 42" - 8' 49");

2. LOC OFF 6: 8' 58" - 9' 11");

3. LOC OFF 6: 10' 48" - 10' 53");

4. LOC OFF 6: 9' 44" - 9' 48");

5. LOC OFF 6: 9' 57" - 10' 03")

Trilha: “It Maintains, Eyes Change” (YouTube Library)

TRECHOS: Westerland (8:25)

Aparecer título do filme e ano: Westerland (2012)

[1] Em “Westerland”, Cem mora sozinho, trabalha, faz supletivo e quer fazer faculdade.

TRECHOS: Westerland (01:21:44)

[2] Jesus tem transtorno mental e transtorno alimentar, fuma maconha constantemente e não só foge de qualquer oportunidade de trabalho que o namorado arruma, como causa problemas com os amigos e familiares dele.

TRECHO: Presque rien (31:19)

Aparecer título e nome do filme: Presque rien (2000)

[3] Em “Presque rien”, Mathieu, estudante de Arquitetura de férias, se apaixona por Cédric.

TRECHO: Presque rien (47:01)

[4] Cédric não pensa em estudar e não poderia se importar menos com ruínas históricas.

TRECHO: Presque rien (03:27)

[5] Mas ele opta por uma vida incerta e vai morar com Cédric. Em dois anos, ele tem depressão e tenta se matar.

SOM: Narrações

(1. LOC OFF 6: 12’ 25” - 12’ 30”;

2. LOC OFF 6: 12’ 12” - 12’ 19”;

3. LOC OFF 5: 33” - 40”)

Trilha: “Storm Chasers” (YouTube Library) - Início**TRECHOS, CONCLUSÃO DOS RESUMOS: Plynace wieszowce (10:11)**

[1] Muitos não entendem o que acontece nesses dois filmes, ficam se perguntando várias coisas. [2] A homossexualidade ofusca outros temas dessas duas histórias universais ou é a parte mais importante de cada uma? [3] Ainda nos sentimos cobrados e afastados de realidades que ainda estão se ajustando, e isso causa mais transtorno.

TELA PRETA**VERSÃO FINAL: 2’ 16” - 3’ 33”****6. “CORRER” (SEM TEXTO)****SOM: Áudios dos filmes**

Música: **“Storm Chasers”** (YouTube Library)

TRECHOS: Plynace wiezowce (02:18), You & I (43:56), Jongens (02:38)

TELA PRETA

VERSÃO FINAL: 3' 34" - 4' 06"

7. “MERGULHO” (CONCLUSÃO)

SOM: Áudios do filme

Música: **“Storm Chasers”** (YouTube Library) - Final

TRECHO: Hawaii (27:11)

Aparecer título do filme e ano: Hawaii (2013)

SOM: Áudios dos filmes

Música: **“Introspective Spacewalk”** (YouTube Library)

TRECHOS: Einayim Petukhoth (27:11), Jongens (18:38), Hawaii (59:23), Jongens (20:06), Contracorriente (48:26)

SOM: Áudios do filme, Narração (LOC OFF 2: 1' 35" - 2' 02")

Trilha: **“Introspective Spacewalk”** (YouTube Library)

TRECHO: Plynace wiezowce (57:43)

Aparecer título do filme e ano: Plynace wiezowce (2013)

A realidade é sempre menos atraente. Você sabe ser o bom aluno que poderia ser melhor, o filho presente que tem amizades de infância que sobrevivem sem motivo, e que com algum esforço, ou sem esforço algum, será um homem mediano e estabelecido. Se privar

difícilmente tornam as coisas diferentes, você sabe disso, só não se convenceu que não é aceitável.

VERSÃO FINAL: 4' 07" - 5' 28"

8. CRÉDITOS

SOM

Música: “Birds” (YouTube Library) - Depois de 40”

TEXTO

Escrito, dirigido e editado por - Victor Santana

Narrado por - Rafael Ferrari

Edição de som - Gabriel Pimentel

TEXTO

EXEMPLOS

“Informações dos filmes”

Gravado no Laboratório de Áudio da FAC/UnB

Produzido por - Victor Santana

Produto Orientado por: Pablo Gonçalo

Universidade de Brasília, 2017

...